OS BATISTAS EM PORTUGAL: INTERESSES, JOGOS E EVANGELIZAÇÃO

The Baptist in Portugal: interests, sets and evangelization

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo[1]

RESUMO

Às vezes, o esforço de missionários em cooptar pessoas para a sua denominação inclui mais que a simples evangelização. Disputas entre uma religião oficial e o novo grupo que está se esforçando para implantar, assim como as lutas entre as denominações protestantes já fazem parte das relações conhecidas pela literatura e são sobejamente tratadas entre os estudiosos e cientistas. Há, no entanto, quase que uma completa ausência de estudos das relações de poder entre grupos rivais dentro de uma mesma denominação na literatura brasileira. Este texto é uma tentativa de trabalhar com esses encontros e desencontros dentro de um grupo protestante: os batistas. Alguma coisa parecida com isto já havia sido estudada por mim quando tratava das relações entre os batistas norte-americanos e alemães no sul do Brasil. Relações afeitas a essa denominação em Portugal ajudam a compreender a competição missionária e as tensas relações no interior de uma mesma denominação.

Palavras-chave: Batistas. Competição. Missionários. Evangelização.

1 Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Batista de Brasília, 1984), Mestre em Ciências da Religião (UMESP, 2001), Doutor em Sociologia, (UnB, 2006) e Pós-Doutor pela PUC/GO, bolsista CAPES (2014). E-mail: profarau@gmail.com

ABSTRACT

Sometimes, the effort made for missionaries to gain people for your church include more than preaching and evangelism work. Issue between a official religion and the new religious group as well as the protestant denomination is already knows in literature and well know among researchers and religious scientists. But there is a complete unknowing in rival groups inside the same denomination in Brazilian literature. This text is a effort to understand the agreements and desagreements in a protestant group: the baptists. Something like it I had studied when worte about the north american and germany baptists in south of Brazil. The same relations in Portugal help us to understand the missionary competition and bad relationship inside de that denomination.

Key-words: Baptists. Competition. Missionaries. Cooptation.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é aprofundar, e, de certa forma, entender e esclarecer um fenômeno que percebi em meus estudos doutorais acerca da chegada dos batistas norte-americanos no Brasil e as relações dos missionários desse grupo com outros grupos denominacionais, especialmente metodistas e presbiterianos, de origem norte-americana, e os congregacionais, oriundos do trabalho de um missionário escocês, Robert R. Kalley.

Nas minhas leituras e pesquisas, percebi que os missionários e adeptos desse grupo eram avessos a qualquer tipo de relações fraternais e eclesiais com os outros grupos denominacionais. Procurei conhecer os fundamentos quanto a esse tipo de exclusivismo e separatismo.

As explicações são as mais diversas. A mais corriqueira e talvez a mais conhecida delas se restringia ao fenômeno do denominacionalismo norte-americano. Tal fenômeno se caracterizou por uma competição acirrada por adeptos entre os diversos grupos concorrentes nos Estados Unidos. Tal relacionamento competitivo foi exportado para o Brasil, resultando no fenômeno que convencionaram chamar de "roubo de ovelhas".

Outras vezes, as discussões eram acirradas não só pelo "roubo" intracongregacional, mas pelo rebatismo quando a migração religiosa se efetivava. Rebatizar alguém que veio de outra denominação era considerar a Igreja concorrente menos cristã que a sua ou até como não cristã. As disputas apareceram em diversas formas, principalmente como acusações recíprocas e reclamações através do uso de literatura, seja em forma de jornais, revistas ou outras literaturas de cunho apologético.

No Brasil, para que se evitasse a concorrência desleal entre as Igrejas, os diversos grupos protestantes já existentes por aqui no final do século XIX firmaram um acordo de não invasão do espaço religioso do outro. Dessa forma, considerava-se sagrado qualquer espaço que já tivesse sido ocupado por qualquer denominação protestante. Esse acordo firmado em 1900 pelas principais denominações daquele tempo – batistas, presbiterianos e metodistas – assegurava que um grupo não iniciaria uma Igreja sua em qualquer cidade onde já houvesse uma congregação de outra denominação.

Ficou claro nas pesquisas por mim realizadas que

os batistas, dentre as denominações concorrentes, foram os que mais descumpriram tal acordo. Para se implantar em determinado local, era necessário considerar que tal espaço ainda não havia sido devida e corretamente "ocupado". Necessitava-se, portanto, dessacralizar o espaço anteriormente sacralizado por uma denominação para justificar a necessidade de fazer a sua propaganda religiosa. Sacralizações, dessacralizações e ressacralizações são práticas recorrentes sempre que novas missões chegam em determinados espaços.

Mas o que mais chamou a minha atenção foi o fato de os batistas não se mostrarem dispostos a cooperar nem mesmo com outros grupos batistas, como foi o caso estudado por mim entre batistas norte-americanos e batistas alemães a partir de 1910 no Rio Grande do Sul.[2] Os batistas alemães não aceitaram cooperar com os norte-americanos e criaram outra Convenção – associação de Igrejas batistas – e até o século XX esse grupo vive separado.

No entanto, tal fenômeno foi ainda mais evidente quando percebi que, mesmo entre grupos batistas norte-americanos, não havia disposição para cooperação. Esse foi o caso encontrado no Brasil, mas que foi especialmente forte em Portugal. Ao perceber casos de más relações internas entre os batistas, me dispus a estudá-las mais na tentativa de conhecê-las e entendê-las melhor. Esse é o objetivo deste trabalho que apresento aqui. Ele se encontra ainda em estado embrionário, pois está em processo de formação. Ainda não se completou. O que se segue é a

2 ARAÚJO, João Pedro G. **Histórias, tradições e pensamentos batistas**. São Paulo: Fonte, 2015a.

apresentação do estado da questão e as possibilidades de estudos futuros.

1. BRASIL, PORTUGAL E RELIGIÃO

Para se entender a história do Brasil há que se conhecer minimamente a história de Portugal e de alguns países europeus e o que por ali estava acontecendo. Politicamente, a história do Brasil dá-se pela travessia do Atlântico no sentido leste-oeste. Para se entender a história dos batistas em Portugal, é necessário fazer um caminho inverso ao dos portugueses e cruzar o oceano no sentido oeste-leste.

É importante salientar que não existe apenas uma forma de contar essa história. A literatura estudada por mim parte de um ponto de vista. Antonio Neves de Mesquita conta a sua história a partir do Brasil e sua ênfase missionária herdada dos norte-americanos. João Virgílio Ramos André conta a mesma história a partir das dificuldades econômicas das Igrejas portuguesa e brasileira e o socorro sempre bem vindo dos norte-americanos.

Herlânder Felizardo escreve a história dos batistas em Portugal a partir dos portugueses, quer dizer, valorizando o trabalho feito em Portugal pelos portugueses. Para esse autor, a vida de Joseph Charles Jones (1848-1928), inglês nascido em Portugal, filho de Joseph Jones (1789-1868) e neto do comerciante de vinho William Jones (1762-1846), é muito importante.

Ramos André, sendo português e morando no Brasil, escreveu seu livro mostrando Portugal como um

campo missionário dos brasileiros, e, portanto, responsabilizando e justificando a Igreja brasileira com a evangelização de Portugal. Herlânder Felizardo, igualmente português e morando em Portugal, escreve a sua obra a partir dos portugueses e colocando seus patrícios como os primeiros responsáveis pela evangelização do seu país. Isso não quer significar, naturalmente, que esse autor despreze o trabalho cooperativo dos brasileiros e norte-americanos. O trabalho de Felizardo foi escrito por um português para portugueses.

De posse dessas literaturas consideradas primárias, faço uma abordagem do trabalho a partir das relações de força entre os três países implicados no trabalho batista: portugueses, brasileiros e norte-americanos. Faço também uma análise das lutas internas dentro da própria denominação batista: os batistas ingleses, portugueses, brasileiros e norte-americanos. Sem negar o viés missionário e econômico, aponto como possibilidade interpretativa a luta pela hegemonia, cooperação e competição entre as diversas Missões envolvidas na tarefa missionária. Esse viés é apenas (mais) uma possibilidade de se entender a questão. Feitas essas considerações, sigamos, então.

O fenômeno da chegada dos portugueses, ingleses, franceses, holandeses e outros países europeus em terras africanas, asiáticas e americanas esteve ligado diretamente à empreitada de uma Igreja que estava atrelada inexoravelmente ao poder imperial desses países.

A religião chegou nas novas terras junto com os navegadores e capitães. Estes tomavam as possessões ter-

ritoriais em nome do rei e os religiosos abençoavam tais empreitadas, através de uma dessacralização da religião dos nativos, ao mesmo tempo em que impunham uma nova religião por um ato de ressacralização do povo e da terra através de religiosos devidamente autorizados pelos governantes.

Uma terra, uma vez conquistada por uma potência colonizadora e invasora, não estava livre de incursões de outras nações concorrentes. Foi a partir desse contexto que holandeses e franceses estiveram no Brasil com intenções dominadoras. Nos séculos dezesseis e dezessete, o Brasil experimentou a presença desses franceses e holandeses. Como os portugueses, os religiosos dessas nações também queriam implantar suas Igrejas como os portugueses já haviam feito dezenas de anos antes. Quando se analisa a questão da colonização e a relação com suas Igrejas igualmente colonizadoras, católicos e protestantes não estão tão distantes um do outro como dizem estar.

Para o religioso, segundo escreveu Mircea Eliade[3], a chegada em uma nova terra necessita de uma cerimônia que sirva como momento fundante daquele espaço. Esse ato simbólico e que representa poder, além de inaugurar, marca e santifica esse "novo" lugar. Dessa forma, ao realizar a primeira missa no Brasil em 26 de Abril de 1500, Caminha inaugura e consagra a totalidade do território recém "descoberto" ao catolicismo. A partir de então, todo o espaço territorial brasileiro passou a ser cristão. Em outras palavras, sagrado, segundo o catolicismo. Tudo

3 ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

o que se fazia antes, em termos de religião, passou a ser considerado profano. Da mesma forma, todas as tentativas de inclusão de outra religião concorrente, mesmo que de cunho cristão, serão também consideradas profanação do espaço sagrado do católico.

Séculos mais tarde, quando da chegada de outros grupos cristãos como os protestantes, um novo ritual de santificação territorial tornou-se necessário. Para tanto, era preciso desqualificar a santidade da terra outrora feita pelo catolicismo. Assim, a disputa religiosa dentro do cristianismo já tomou ares de mútuas demonizações, dessacralizações e ressacralizações. De certa forma, para o catolicismo, a permissão da entrada de acatólicos no Brasil representava uma profanação do seu espaço sagrado.

Historicamente, protestantes franceses (1555) – huguenotes calvinistas – e holandeses reformados (1630-54), já haviam passado por estas terras e construído suas Igrejas por aqui. Mas a retomada da hegemonia portuguesa implicou também a retomada da hegemonia da religião católica e isso foi determinante para a expulsão e proibição da presença de todos os protestantes desde o século dezessete até o século dezenove, ou até mesmo de visita de qualquer estrangeiro não católico na colônia.

A partir da experiência do catolicismo brasileiro com o protestantismo francês e holandês, medidas higiênicas foram tomadas para que a hegemonia católica fosse assegurada. Tal hegemonia foi respaldada por uma legislação que proibia a entrada de estrangeiros acatólicos no Brasil sob quaisquer circunstâncias. Oscar Canstatt, via-

jante alemão que passou pelo Brasil na segunda metade do século dezenove, escreveu: "Naturalistas estrangeiros, que desde muitos anos têm percorrido o rico e interessante país, não tiveram, em suas expedições científicas, qualquer auxílio dos brasileiros; foram-lhes até criadas as maiores dificuldades, como aconteceu, por exemplo, com Alexandre von Humboldt".[4] Com tal proibição, o catolicismo purgava a terra da profanação protestante.

De forma geral, a hegemonia que proibia a entrada de acatólicos desde 1720, levava a práticas inquisitoriais à moda brasileira, pois que não somente a presença de outros credos estivesse proibida durante a Colônia e Império, mas com tais medidas higiênicas proibiam-se mais que pessoas, principalmente, as ideias. Segundo o relato de Gilberto Freyre, a proibição imposta aos acatólicos atingia inclusive a importação de livros de autores ingleses no Brasil.[5]

Nesse ato de proibir, costumava-se enviar um sacerdote católico a bordo de cada navio antes de atracar em qualquer porto brasileiro para aferir a fidelidade religiosa dos tripulantes. Protestantes, espíritas, judeus ou muçulmanos estavam proibidos. Feito o exame de consciência, o navio podia atracar e seus tripulantes poderiam vir à terra firme. Em caso de se detectar um infiel – entenda-se mouro ou protestante – deveria permanecer no navio.

A ligação política do Brasil com a coroa representa-

4 CANSTATT, Oscar. **Brasil**: terra e gente, 1871. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 32.

5 FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks Ltda, 2000, p. 74.

va também a ligação religiosa católica com Portugal. Mas, quando examinamos o fenômeno do protestantismo no Brasil, vemos que a ligação com Portugal passa necessariamente por atitudes semelhantes. É isso que passamos a ver a partir de agora.

2. PROTESTANTISMO BRASILEIRO E PORTUGUÊS

Mesmo sob suspeição, podemos usar a classificação ainda consagrada da presença protestante no Brasil em três fases. A primeira, chamada de protestantismo de invasão, liga os protestantes aos franceses do século dezesseis e os holandeses no século dezessete. A segunda, o protestantismo fruto das novas relações entre Brasil e Inglaterra no início do segundo decênio do século dezenove. Foram permitidas aos protestantes anglicanos e luteranos as primeiras reuniões em suas línguas e a edificação dos primeiros templos para suas reuniões. Proibia-se, no entanto, que tais templos tivessem aparência de Igreja. Estava recomendado também que os adeptos acatólicos usassem a língua de seu país, bem como era explícita a proibição de cooptação de brasileiros à fé dos "ingleses".

A terceira fase da presença do protestantismo brasileiro é majoritariamente norte-americano e se chama protestantismo de missão. Faz parte de uma visão de mundo salvacionista, que aliava crescimento econômico com um messianismo das denominações daquele país. No início do século dezenove houve um movimento dos protestantes dali na tentativa de salvar o mundo. No entanto, os missionários norte-americanos não somente se considera-

vam os salvadores dos pagãos, eles convenciam seus novos adeptos a que se empenhassem em atividades semelhantes. Foi praticamente nesse contexto que os protestantes portugueses convertidos no Brasil e protestantes brasileiros fossem para Portugal.

Mas seria simplório demais considerar que a primeira Igreja do protestantismo de missão no Brasil seja norte-americana. Não foi. Coube a um missionário escocês, Robert Reid Kalley, a fundação da primeira Igreja protestante no Brasil como fruto do trabalho missionário. Kalley era missionário e trabalhou primeiramente na Ilha da Madeira. Fatores alheios à sua vontade fez com que ele e vários adeptos do seu grupo fugissem dali e se estabelecessem no Brasil e no Canadá. Uma Igreja surgiu em cada um desses países a partir da dispersão do grupo madeirense de Robert Kalley.

Para começar sua Igreja no Brasil, Kalley foi até o Canadá e convenceu alguns do seu grupo a virem com ele ao Brasil com vistas a fundar uma Igreja nestas terras, o que de fato aconteceu em 1855. É preciso reconhecer, portanto, que a primeira Igreja do protestantismo de missão no Brasil foi fundada por um europeu com adeptos portugueses trazidos do Canadá. O primeiro adepto batizado pelo missionário Kalley nessa igreja foi um português.

Da mesma forma como acontecera com Kalley, o primeiro adepto que os missionários presbiterianos Ashbel Green Simonton e Blackford batizaram no Brasil foi um português. A presença de convertidos portugueses nas

Igrejas protestantes brasileiras fez com que tais Igrejas e seus adeptos logo voltassem os seus olhos para evangelizar seus parentes em Portugal. Na antiga pátria estavam seus amigos e ali havia uma relação afetiva duradoura entre os dois países. Acresce-se a isto o fato de que os dois países podiam se entender perfeitamente em termos de línguas. Isso poderia ser um aspecto facilitador do trabalho missionário dos brasileiros.

Quanto aos batistas, diferentemente dos congregacionais e presbiterianos, o primeiro batista batizado no Brasil pelos missionários dessa denominação foi um brasileiro. Cedo na história desse grupo o desejo de iniciar uma missão em Portugal sempre esteve presente, ainda que não tenha sido para esse país que tenham enviado o primeiro missionário, mas para o Chile. No entanto, tão logo se perceberam com algum poder e influência, levados pela propaganda e incentivo dos missionários norte-americanos, os batistas no Brasil se lançaram à tarefa de fazer missões em Portugal.

3. OS BATISTAS EM PORTUGAL

Segundo dados registrados por João Virgílio Ramos André[6], desde o início do século dezenove sabe-se da presença dos batistas em Portugal. Joseph Jones, chegado em Portugal em 1808 com dezenove anos de idade, já se declarava batista. Segundo esse autor, Jones chegou para comerciar vinhos em Portugal em 1808 e ficou

6 ANDRÉ, João V. R. **A obra missionária em Portugal**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

muito tempo morando em terras portuguesas. Segundo Herlânder Felizardo, Joseph Jones "foi baptizado por seu pai, tornando-se membro da Igreja Baptista Escocesa em Liverpool".[7] Mesmo não tendo uma Igreja batista em Portugal, os filhos de Joseph Jones foram educados nas convicções de seus pais. Quando chegou o tempo de serem batizados, foram mandados à Inglaterra para seguirem o batismo conforme o rito batista. Ao voltar para Portugal, na falta de Igrejas batistas, cooperariam com outra denominação.

Joseph Jones, segundo Felizardo, "sendo provavelmente o primeiro batista em Portugal, não fez qualquer tentativa de começar trabalho denominacional".[8] O filho de Joseph Jones, também de nome Joseph Charles Jones, batizado em Londres pelo irmão de Spurgeon em 06 de maio de 1875, é considerado por André, o fundador da Primeira Igreja Batista em Portugal, em 06 de setembro de 1888, ao batizar cinco adeptos, na cidade do Porto.[9] Desse ano, 1888, dá-se o rompimento de Jones com os metodistas, a quem ajudava e com quem comungava. A igreja de Jones foi absorvida anos mais tarde, em 1912, por uma Igreja batista pastoreada por um brasileiro. Felizardo escreve o seguinte sobre essa Igreja fundada por Jones: "Jones realiza os primeiros baptismos a 6 de Setembro de 1888, organizando-se nesse mesmo dia uma Igreja Evangélica 'Baptista' de comunhão aberta".[10]

7 FELIZARDO, Herlânder. **História dos baptistas em Portugal**. Lisboa (Portugal): CEBAPES, 1995, p. 9.

8 FELIZARDO, 1995, p. 10.

9 ANDRÉ, 1981, p. 22.

10 FELIZARDO, 1995, p. 11.

Homem rico, inglês, comerciante de vinho, pratica a ceia com a "comunhão aberta" – livre – e não se sabe, também, de onde procedeu a sua ordenação e autorização para batizar e realizar a ceia na sua recente Igreja criada. Por ser rico, é dele a doação do terreno na cidade do Porto para a construção do prédio da primeira Igreja batista portuguesa. Vem do seu bolso também a maior parte do dinheiro para a construção desse prédio.

Jones, além de cooperar com os metodistas, parece que cooperou também com a Igreja Congregacional brasileira, oriunda do trabalho do missionário Kalley. Ao fundar sua própria Igreja em Portugal, depois passa a sua Igreja para a responsabilidade dos batistas brasileiros. Quando se juntou ao trabalho dos brasileiros, deixou de ser pastor e passou a ser diácono. Fato estranho. Na hierarquia organizacional dos batistas, ser diácono é estar em uma posição de subalternidade hierárquica em relação ao pastor. Deixar a função pastoral e voltar a ser diácono, é fato raro e não usual entre os batistas, que consideram que, uma vez ordenado pastor, terá sempre o título e *status* de pastor.

Fatos estranhos e desconhecidos deste pesquisador aconteceram na comunidade fundada por Jones. Sabe-se que ela cresceu muito, passando a ter diversas congregações e cultos com horários diferentes. Parece, no entanto, que esse fervor e sucesso arrefeceram. Quando os batistas brasileiros chegaram a Portugal, parece que o grupo estava pequeno, e Jones, de uma certa forma, desinteressado em continuar como líder da congregação.

Reginaldo Young, uma espécie de missionário leigo, foi o segundo líder religioso, agora vindo do Brasil, a fundar uma Igreja batista em Portugal. Young passou pelo Brasil trabalhando em minas, ajudando algumas Igrejas batistas na função de diácono e aparece em Portugal fundando a segunda Igreja batista em solo português em 1906. Em virtude das diferenças existentes entre os dois grupos sobre quem deveria participar da ceia, assunto caro aos batistas, não foi possível que as duas Igrejas se unissem e trabalhassem em conjunto, ainda que existissem na mesma cidade, Porto.

Uma das questões apresentadas pelos batistas para marcar suas diferenças intergrupais é a questão de quem deve participar da ceia, em parte já referido acima. Um grupo acredita que qualquer protestante pode participar; outro grupo, acha que somente os batistas devem participar. Outros, ainda, mais estritos, creem que apenas os membros de uma determinada comunidade batista podem participar da ceia.

4. BATISTAS BRASILEIROS EM PORTUGAL

Jerônimo Teixeira de Souza, português, mas que morou no Brasil durante muito tempo e por aqui se converteu ainda na infância, parece ter sido o primeiro batista brasileiro a ir para Portugal com o fim de evangelizar seus patrícios. Ele encontrou um grupo de batistas descontentes saídos da congregação de Young e começou a trabalhar com eles. Assim, em 24 de setembro de 1908, como fruto do trabalho de Teixeira, surgia uma nova Igreja batista em

solo português – também em Porto. Desta vez, orientada e ligada aos batistas do Brasil. Foi com Jerônimo Teixeira de Souza, em 1908, vinte anos depois de Jones, que as Igrejas batistas de Portugal começaram a ter uma relação direta e dependente dos brasileiros.

Um acontecimento interessante, no entanto, marcará a congregação fundada por Teixeira. Ainda que ele tenha sido o seu fundador, tenha sido citado como o primeiro moderador dessa comunidade, tendo inclusive realizado a ceia – um tipo de cerimonial inaugurador da comunidade – foi somente com a presença de um missionário batista que trabalhava no Brasil, Z. C. Taylor que, ao visitar Portugal em dezembro de 1908, três meses depois de fundada por Teixeira de Souza, que essa Igreja teve finalmente "homologada" a sua fundação.

Faço essa referência aqui para mostrar a ligação e dependência que o grupo batista português demonstrou ter no seu início aos missionários norte-americanos passou a ser uma prática dos portugueses por muitos anos. Ao mesmo tempo, a dependência dos batistas portugueses aos batistas brasileiros era da mesma natureza que os brasileiros tinham dos missionários e Missão norte-americana, a Junta de Richmond.

Essa homologação, da qual tratamos acima, não foi outra coisa senão o rebatismo de todo o grupo – que já havia sido batizado por Young anos antes – pelo missionário Z. C Taylor. Foi a partir da presença e rebatismo de batistas por um missionário batista que passou a vigorar a data "oficial" da presença dos batistas brasileiros em

Portugal. Ramos André faz o seguinte registro sobre as fundações e refundações oficiais do trabalho batista português: "Não obstante essa igreja pudesse ser considerada 3ª ou 4ª igreja em Portugal, só o foi, porém, a partir de 20 de dezembro de 1908, quando começa a ligação com uma Junta Missionária, a Junta de Missões Estrangeiras (JME), órgão da Convenção Batista Brasileira".[11] Agora, não se dá mais o fato de batistas batizarem outras denominações, mas do rebatismo de batistas.

Segundo explicações dadas para esses rebatismos por Antonio Maurício, português que estudou no Brasil e voltou como missionário para Portugal, filiado à Convenção Batista Brasileira, Jerônimo Teixeira fora enviado por uns brasileiros a Portugal e não pela Junta de Missões dos batistas brasileiros. Daí, somente com a chegada de João Jorge, que chegou em agosto de 1908 e enviado pela Convenção e pelo seu órgão de missões, a Junta de Missões Estrangeiras, é que se considera como "o primeiro missionário dos batistas brasileiros". Mesmo tendo chegado quase três anos depois de Teixeira, os batistas em Portugal só são "oficialmente" reconhecidos a partir da presença homologante de um missionário oficial dos batistas brasileiros, João Jorge, e de um missionário batista norte-americano, Taylor, e do rebatismo dos batistas que já existiam em Portugal.

Fato semelhante a Portugal – o marco inaugural a partir da presença de um missionário norte-americano de Richmond – aconteceu no Brasil. A primeira Igreja

11 ANDRÉ, 1981, p. 28, 133.

batista fundada no Brasil aconteceu em 1871, em Santa Bárbara do Oeste, São Paulo. A segunda Igreja dessa denominação foi fundada no mesmo Estado, em 1979, em Station, lugar hoje conhecido como Americana. No entanto, essas duas Igrejas não foram consideradas oficialmente como as primeiras, pelo menos até o início do século vinte e um. Para a história e imaginário dos batistas do Brasil, a primeira Igreja dessa denominação oficialmente considerada foi fundada onze anos depois, em Salvador. A razão dessa data longínqua foi a presença de missionários norte-americanos que, desde muito tempo, foram considerados o padrão para começar, fundar ou homologar qualquer coisa que os batistas fizeram ou poderiam fazer no Brasil.

Zacarias Clay Taylor, missionário norte-americano no Brasil, dirigiu-se a Portugal para organizar – entenda-se refundar ou fundar oficialmente – o trabalho batista naquele país. A ideia de Taylor era fundar uma Igreja batista e talvez até fundar uma Convenção portuguesa nos moldes do que já houvera feito em 1907, no Brasil – que, por conseguinte, havia imitado a Convenção batista já existente nos Estados Unidos. No dia 20 de dezembro de 1908, "organizava oficialmente", nas palavras de Felizardo, "a igreja no mesmo local […] Para efeito Taylor realiza 10 baptismos de crentes vindos da igreja de Young visto não reconhecer o seu baptismo".[12]

Ao "fundar" a "Primeira Igreja batista portuguesa", Taylor desconsidera tudo o que os batistas anterio-

12 FELIZARDO, 1995, p. 18.

res – Jones, Young e Souza – fizeram antes. A presença de um "autorizado", implica a desautorização de todos os seus antecedentes, fato que se dá pelo rebatismo de batistas e a (re)fundação do que já fora fundado. Felizardo faz o seguinte registro: "Este seria o 4º Marco do trabalho Baptista em Portugal e que resultaria, de facto, na organização da Primeira Igreja Baptista 'Regular' em Portugal, segundo a tradição das Igrejas Baptistas da Convenção Baptista Brasileira".[13]

Através de um escrito de Taylor em 1909, sabe-se, no entanto, que ele mesmo tinha dúvidas sobre o rebatismo de batistas que tivessem sido batizados conforme o costume inglês. Taylor esperava achar diversas "irregularidades" no comportamento e nas crenças dos batistas portugueses, mas, segundo afirmou, saberia como enfrentar tais irregularidades. Quanto, porém, ao rebatismo daqueles que praticavam a "Comunhão aberta", não sabia, pois escreveu: "excepto talvez aquelas relacionadas com os Baptistas de comunhão aberta" […] Os Baptistas regulares recebem o baptismo de imersão e comungam com os Baptistas de comunhão aberta?". Essa situação era nova para o missionário: "nunca me ocorreu antes", escreveu.[14]

Na correspondência de Taylor, ele pede informações sobre como proceder com essas práticas diferentes. Admite que Ginsburg, outro missionário dos batistas no Brasil, pensa diferente dele: "O irmão Ginsburg é de opinião que nós não recebamos Baptistas de Comunhão

13 FELIZARDO, 1995, p. 19.
14 FELIZARDO, 1995, p. 19.

livre [...] Por favor, respondam à minha pergunta a seu tempo".[15]

João Jorge será responsável por unir aos batistas do Brasil o grupo de Jones, já anteriormente referido. Dos adeptos de João Jorge, o mais famoso deles será Antônio Maurício, batizado em 19 de abril de 1914. Maurício veio ao Brasil para estudar Teologia e voltou como missionário dos batistas brasileiros a Portugal, em 17 de janeiro de 1920.

Dificuldades econômicas no Brasil e diferenças pessoais entre os dois missionários dos brasileiros serão responsáveis pelos principais acontecimentos que caracterizaram o funcionamento dessa denominação em Portugal. Antônio Maurício sempre mostrou estar mais ligado, mais fiel e mais obediente às determinações dos batistas do Brasil. Por isso mesmo, foi considerado como um bom missionário, coerente, pacificador, realista e sensato. João Jorge, por sua vez, por mostrar-se mais independente, ter pedido auxílio dos batistas do Texas, de quem recebeu seu salário durante muito tempo, foi considerado por André como patético, caudilho, sonhador e outros termos que depõem contra sua pessoa.

5. AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS E DISPUTAS POLÍTICAS

A história dos batistas portugueses pode ser vista por diversas formas e o número pequeno das Igrejas portuguesas deve ter várias explicações. Uma delas, deve ser a explicação a partir do próprio português. Pode-se argu-

15 FELIZARDO, 1995. p. 19.

mentar que o português não se interessa por religião ou que o secularismo tenha tomado conta dos habitantes do velho continente. Outra razão, pode-se colocar na conta das dificuldades econômicas das agências missionárias e das Igrejas que enviavam os missionários para Portugal. Não se pode desprezar, contudo, as relações competitivas e não amistosas entre as agências missionárias.

Agências missionárias não cooperam. Geralmente competem entre si. Já vimos que a presença hegemônica de uma determinada agência missionária pode até ocasionar o rebatismo de batistas, fato no mínimo estranho até mesmo para um batista. Rebatismos de batistas aconteceram em muitas ocasiões e localidades no Brasil. O mesmo procedimento foi reproduzido em Portugal, prova da rejeição e dessacralização de um grupo batista pelo outro.

Uma determinada prática doutrinária tem origem em práticas culturais de um grupo e é perpetuada e transplantada através do trabalho dos missionários. Uma vez implantada na nova cultura, passa a ser considerada normal e ortodoxa. Os escritos fundantes da história e literatura dos movimentos religiosos servem de modelos explicativos de suas práticas posteriores. Geralmente essa literatura fundante é fruto de autores com certo renome – geralmente professores, missionários e teólogo – no grupo. Tais autores servem como historiadores e justificadores dessas mesmas práticas culturais, agora entendidas como doutrinárias – e bíblicas, com o tempo. Nesse sentido, Antonio Neves de Mesquita descreveu o rebatismo dos batistas de Young e provavelmente dos de Jones e seus

grupos acontecido em 29 de setembro de 1912 em Porto, Portugal, como sendo uma vitória "estupenda". O que antes fora uma disputa entre agências missionárias, passa para as gerações futuras como corpo ortodoxo.[16]

Tanto o rebatismo de batistas, como a rejeição do trabalho cooperativo da Missão Conservadora tinha na forma da realização da ceia o seu ponto nevrálgico. Joseph Jones havia sido batizado em uma Igreja batista inglesa, a mesma que fora pastoreada por Spurgeon. Mas aqueles batistas praticavam a ceia chamada "livre". Tal fato fora suficiente para a prática do rebatismo, que mais tarde acontecerá quando um novo missionário, adepto da ceia "restrita", estiver à frente desse grupo batista.

A Missão Conservadora, com sede em Chicago, também praticava a ceia "livre". Tanto os missionários dessa Missão enfrentavam restrições cooperativas dos brasileiros e dos missionários de Richmond – ceia restrita – como os crentes convertidos pelos "conservadores". A ceia já não é um sinal de comunhão ou fé em Jesus, mas patrimônio de um grupo específico entre os batistas. Jesus, o fundador da fé, não é o critério último da comunhão entre os cristãos. A ceia é, antes de tudo, determinante. Não é o que une o ponto de contato, mas o ponto diferenciador que determina a comunhão ou a sua ausência. Assim, perpetuam-se as disputas e demonizações dos diversos "chiboletes" que surgem no meio dos grupos ao longo do tempo.

Os missionários, dependentes e adeptos das ideolo-

16 MESQUITA, A. N. **História dos batistas no Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940, p. 119.

gias de suas agências missionárias, acabam por reproduzir os mesmos comportamentos que aprenderam ou foram instruídos a fazer em seus campos missionários. Antonio Neves de Mesquita escreveu que os dois missionários em Portugal, Achiles e Marício, sendo sustentados por agências e Igrejas diferentes, não conseguiam trabalhar harmonicamente naquele país.[17]

Assim como no Brasil as missões lutavam por fidelizações e hegemonia em determinados Estados, em Portugal imitava-se o que se fazia no Brasil. Os missionários e Igrejas fundadas por estes tendem a imitar as relações aprendidas pelos missionários em suas terras. O missionário transplanta culturalmente suas práticas e as justifica biblicamente em outras culturas onde anuncia o evangelho.

Um dos pontos das discórdias entre os dois missionários, entre os batistas do Brasil e de Portugal e mais tarde entre os batistas norte-americanos, estava a presença de uma Missão concorrente, a Convenção Batista do Texas. Essa Convenção foi fundada no início do século vinte como reação à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, com sede no Estado da Virgínia, a Junta de Richmond. Em virtude das dificuldades financeiras das Igrejas em Portugal, João Jorge recorreu à Convenção do Texas. Além das discórdias pessoais entre os dois missionários brasileiros em Portugal, parece que foi o pedido de ajuda aos batistas do Texas um dos fatores de maior discórdia entre os diversos grupos envolvidos com as Igrejas

17 MESQUITA, 1940, p. 120-21.

portuguesas. O pedido de auxílio foi descrito por João Virgílio Ramos André como tendo desagradado a Convenção Batista Brasileira, tanto que João Jorge foi chamado a explicar-se diante da reunião anual da Convenção no Brasil, no ano de 1922. Essa vinda de João Jorge lhe valeu uma "censura" por parte da Convenção.[18]

Essa decisão foi considerada pelos brasileiros como uma "invasão" de uma "Junta estranha". Na verdade, uma Junta "opositora de Richmond", segundo escreveu André.[19] Esse autor cita um relatório prestado pela Junta de Missões dos batistas brasileiros em 1922, que reproduzimos alguns trechos:

> […] a Junta da Baptist Missionary Association of Texas […] embora sustente doutrinas ortodoxas não poderia formar em comum com o nosso trabalho sem prejuízo dos nossos direitos de mais velhos no campo […] não tivemos o intuito de proibir a sua entrada no campo, dado o nosso reconhecido caracter de tolerância, mas quisemos evitar a intromissão de elementos estranhos que pudessem nos trazer dificuldades posteriores […] estávamos certos de que o nosso campo não seria invadido […] está criada, muito a contragosto da Junta uma situação difícil em Portugal para o nosso trabalho […] A Junta reconhece com tristeza, pelo desenrolar dos fatos, a responsabilidade do irmão João Jorge neste caso, que considera um desastre e lamenta que ele não tenha podido perceber o perigo a que expôs o nosso trabalho e as conquistas em Portugal, a custo de enormes e inestimáveis sacrifícios.[20]

18 ANDRÉ, 1981, p. 40.
19 ANDRÉ, 1981, p. 45.
20 ANDRÉ, 1981, p. 46-47.

André reclama que João Jorge não tenha pedido permissão dos "autorizados" - os brasileiros e sua Junta missionária – para fazer o que fez. É claro que o autor, mesmo sendo português, está escrevendo a história dos batistas de Portugal a partir dos batistas do Brasil. Como Maurício, ele é fiel aos brasileiros. Por isso mesmo, o julgamento que faz de João Jorge é que este acaba por "prejudicar" os batistas em Portugal. Por outro lado, esse autor julga que João Jorge se precipita em algumas decisões que toma.

Com a decisão de João Jorge de pedir ajuda à Convenção do Texas, alguns líderes batistas brasileiros deixam de viajar a Portugal e tais decisões prejudicam as relações entre as Igrejas dos dois países. É claro que as relações dos brasileiros com os dois missionários naturalmente sofreriam alguns arranhões também.

As relações tensas entre João Jorge e a Junta de Missões da Convenção Batista Brasileira continuaram por muitos anos e se agravavam. Durante algum tempo ainda foi possível que brasileiros, portugueses e texanos trabalhassem juntos. Mas isso não foi possível por muito mais tempo. Em 1930, em virtude das condições financeiras de Portugal, Brasil e Estados Unidos, acabando-se as chances de se manter financeiramente o trabalho batista em Portugal, João Jorge deixa Portugal para trabalhar como missionário entre os portugueses nos Estados Unidos.

Depois das tensas relações entre brasileiros (richmondianos) e texanos, entra outra agência missionária

dos batistas em Portugal, a *Conservative Baptist Foreign Mission Society*, com sede em Chicago. Essa Missão entrou em Portugal em 1945. Com a "Conservative" e o dinheiro que injetam em Portugal, João Jorge volta ao seu país como funcionário dessa Sociedade missionária. Como aconteceu anteriormente, as relações tornam a ficar tensas entre brasileiros – fiéis e dependentes de Richmond – e os portugueses que se aliaram à "Conservative".

Contrariamente do que se poderia esperar dos brasileiros por uma Junta missionária se dispor a ajudar os portugueses, como se fez com os texanos, os brasileiros se ressentiram desse outro grupo batista em Portugal e afirmam que sofreram uma "invasão" de um grupo estranho e concorrente. Está claro que o espaço sacralizado por um grupo batista não pode ser dessacralizado por outro grupo da mesma denominação, mesmo que este último tenha a intenção de ajudar. A reclamação dos brasileiros, no entanto, está mais perto de um ciúme e um exclusivismo exacerbado que outra coisa.

As relações continuaram tensas por um bom tempo entre brasileiros, portugueses e os missionários da Missão Conservadora. As Igrejas portuguesas se dividiram em torno da Missão Conservadora e a Junta de Missões Estrangeiras, que representava a Convenção Batista Brasileira. Os ciúmes e as disputas entre missionários da Convenção Brasileira e missionários norte-americanos de Chicago enfraqueceram ainda mais a relação entre as fracas Igrejas em Portugal.

Como acontecera com a Missão do Texas alguns

anos antes, a missão de Chicago acaba por decidir deixar Portugal em 1965. Esse é o tempo em que, coincidentemente, Richmond começa a ajudar as Igrejas Batistas Brasileiras no modelo que acontece até hoje. Richmond foi, desde 1882, a Missão que fundou, sustentou as Igrejas batistas brasileiras e forjou o pensamento teológico dos seus adeptos no Brasil.

Por algum tempo, a Missão Conservadora e a Missão do Texas cooperaram com as Igrejas batistas no Brasil. Aqui, entretanto, o número de Igrejas e Estados são em número bem maior que Portugal. Por isso mesmo, parece que a relação com a Missão hegemônica, Richmond, foi mais pacífica. Mas a Missão Conservadora, no entanto, ficou restrita ao interior de dois Estados pobres do Brasil, o Piauí e o Maranhão. Richmond não podia ser ameaçada em sua hegemonia na maioria das Igrejas e nos Estados maiores e mais desenvolvidos do Brasil. E ameaça, para esse grupo, pode ser entendida mesmo diante da simples vontade de ajudar.

Em "Histórias, tradições e pensamentos batistas", citei um trecho do autor batista Mesquita. Ele descreveu o encontro dos batistas norte-americanos e batistas alemães. Em sua análise, o conflito que houve entre os dois grupos foi causado pelos alemães. Deixemos que o texto prove o que vimos afirmando: "O trabalho alemão antigo como era, e padecendo de falta de orientação segura nos primeiros tempos, havia de gerar […] algumas dificuldades".[21] Na verdade, a citação de Mesquita é tomada por empréstimo de um missionário norte-americano, Dunstan.

21 ARAÚJO, 2015a, p. 164.

Já conhecemos a pouca disposição do grupo batista cooperar com outros grupos denominacionais concorrentes. O missionário Crabtree escreveu: "É verdade que os baptistas são pouco dispostos a entrar em acordos de cooperação com outras denominações".[22] No entanto, ele mesmo, sendo batista, reconhece a dificuldade de cooperação dentro do próprio grupo. "Isto é devido em parte ás convicções [...] que os distinguem […] e porque o mundo precisa saber das doutrinas puras do Novo Testamento do ponto de vista dos baptistas", escreveu Crabtree no mesmo trecho. Tal atitude tem afastado até mesmo os batistas entre si. "Com a independencia absoluta da Igreja baptista, é bastante dificil conseguir a cooperação que almejamos, mesmo entre os próprios baptistas". Vimos claramente esse fenômeno em Portugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as relações tensas entre missionários, pastores e as Juntas missionárias em Portugal, podemos tentar aventar algumas conclusões. A primeira delas, a incapacidade interna do diálogo e cooperação de um grupo, como os batistas, fazem com que as relações de cooperação e entendimento sejam praticamente impossíveis, não somente com outros grupos de outras denominações históricas, como presbiterianos, congregacionais e metodistas, ou com grupos pentecostais como as Assembleias de Deus. Os batistas não conseguem dialogar nem mesmo

22 CRABTREE, A. R. **A história dos baptistas no Brasil, até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937, p. 251.

entre grupos diferentes dentro da própria denominação. Aliás, o que caracteriza os batistas é a cisão, separação e não a cooperação. Cada grupo considera suas missões como campos consagrados, dominados, fechados. Toda tentativa de aproximação é rechaçada como concorrência, deslealdade, invasão, desonestidade e falta de respeito.

A falta de cooperação e a não aceitação de ajuda de outros grupos batistas conforme vimos neste texto está acima das dificuldades financeiras e políticas que o próprio grupo reconhece ter. Para o grupo batista, é preferível o recuo, as restrições e a possibilidade de seus esforços serem totalmente aniquilados que receber a ajuda de outro grupo, mesmo que batista. Nesses casos, a intolerância interna do grupo se mostra mais forte que a própria tolerância que dizem ter. Na verdade, a intolerância a qualquer outro grupo mostra, na prática, que os batistas negam a liberdade de pensamento e escolha que afirmam que cada um possui.

Neste texto vimos que o grupo se sabota a si mesmo, prejudicando-se a si, suas Igrejas e seus adeptos. O personalismo, a glória pessoal e o nome de um grupo está posto acima da própria mensagem que o grupo prega. A partir de então, dá para perceber quantas coisas estão acima e são mais importantes para o grupo do que a mensagem que querem usar para convencer seus adeptos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, João V. R. **A obra missionária em Portugal**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

ARAÚJO, João Pedro G. **Histórias, tradições e pensamentos batistas**. São Paulo: Fonte, 2015a.

CANSTATT, Oscar. **Brasil**: terra e gente, 1871. Brasília: Senado Federal, 2002.

CRABTREE, A. R. **A história dos baptistas no Brasil, até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FELIZARDO, Herlânder. **História dos baptistas em Portugal**. Lisboa (Portugal): CEBAPES, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks Ltda, 2000.

MESQUITA, A. N. **História dos batistas no Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

OUTRAS BIBLIOGRAFIAS

ARAÚJO, João Pedro G. Em nome da lei. *In*: FERRETI, Sergio F.; CARREIRO, Gamaliel da S.; SANTOS, Lyndon de Araújo (Orgs). **Missa, culto e tambor**. São Luís: EdUFMA, 2012.

_____. **Educação e conversão religiosa**. Curitiba:

Appris, 2014.

_____. **Batistas: dominação e dependência**. São Paulo: Fonte, 2015b.

MENDONÇA, Antonio G. **O celeste provir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola/Imprensa Metodista, 1990.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco**: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PEREIRA, José dos R. **História dos batistas no Brasil**: 1882-1982. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

QUADROS, Eduardo. Os hereges holandeses. In: BRANDÃO, Sylvana (Org). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Universitária, 2001. Vol 1., p. 191-213.

SILVA JÚNIOR, Ismael da. **Notas históricas sobre a missão evangelizadora do Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: s.n., 1961.

A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional